

“É preciso atuar cada vez mais de modo preventivo”

Desde que as enchentes revelaram os seus efeitos sobre o Estado, a coordenadora do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, Dóris Couto, orienta grupos de voluntárias e voluntários envolvidos no resgate de arquivos e acervos atingidos pela água e pela lama. Dóris, que é, também, diretora do Museu Julio de Castilhos, de Porto Alegre, compartilha nesta entrevista alguns desafios que os profissionais da área da museologia, biblioteconomia, conservação e restauro estão enfrentando, além de destacar a necessidade de implementação de projetos de prevenção.

JC - Você mencionou em um evento online de capacitação para voluntários que poucos municípios contam com arquivistas, bibliotecários e museólogos. A que se deve este cenário e de que forma ele compromete o trabalho de força-tarefa que está sendo feito?

Dóris Couto - Infelizmente, em uma parte significativa dos nossos municípios é mais comum ter bibliotecário, mas não é regra. Museólogo é raríssimo e arquivista idem. Então, a gente pode observar que nos lugares, inclusive em que os salvamentos iniciaram, é onde nós tínhamos esses profissionais na linha de frente, especialmente museólogos. Esses profissionais acabam fazendo muita diferença no procedimento emergencial, porque contam com uma formação multidisciplinar, têm informações e orientações do que fazer e também do que não fazer.

JC - Este cenário de carência de profissionais se reflete em outros estados?

Dóris Couto - Ela é histórica, e não apenas no Rio Grande do Sul, é a nível nacional mesmo. Algumas profissões regulamentadas e profissões relativamente novas, como a de museólogo, aqui no Rio Grande do Sul, especialmente, faz com que ainda os municípios não entendam esses profissionais como necessários. Mas é justamente neste momento, em que uma tragédia sobre a memória e a identidade das populações locais também se sobressai para além da tragédia humana, que a gente vê a falta que esses



Processo de secagem requer paciência, mas é fundamental para salvar itens

profissionais fazem e a diferença de suas atuações quando estão em campo.

É necessário repensar isso, como essas instituições se organizam nos espaços do nosso território, como elas passarão a se organizar e a contar com um corpo técnico mais preparado. Também não basta ter o museólogo, o arquivista ou o bibliotecário, é preciso ter um plano de contingência para o caso de haver um alagamento, uma infiltração por uma calha que não deu conta da quantidade de chuvas, acabou provocando transbordamento e atingindo qualquer dessas tipologias de acervo.

JC - É possível prevenir, garantir a segurança ou amenizar os danos de eventos climáticos específicos que atingem determinadas regiões?

Dóris Couto - Há uma série de normas, que vêm sendo tratadas e orientadas por uma série de organismos internacionais, e que cada vez mais é preciso que

sejam postas em prática. O que acontece é que, entre aquilo que a ciência pode oferecer e aquilo que a vida prática das instituições oportuniza executar, há um abismo gigantesco. Não é mais possível que se atue sobre o acervo que está de molho na água, que está sob a lama, ou sobre aquele que acabou sendo acometido pelo fogo ou por uma infiltração de telhado, por exemplo. A gente tem que atuar cada vez mais de modo preventivo.

É preciso que a gente comece a pensar de modo diferente esse tratamento, e o quanto, efetivamente, nós vamos nos dedicar a salvar e a preservar memória e identidade das nossas regiões, das nossas cidades, enfim. É um processo longo, demorado, de convencimento, que demanda orçamento também, porque em algumas situações a recomendação será trocar o equipamento, o museu, o arquivo, a biblioteca de lugar. É a única coisa que poderá salvar.

Rede de cooperação e mapeamento

Na segunda quinzena de maio, o Ministério da Cultura (MinC) anunciou a criação de uma Rede para Mapeamento e Recuperação do Patrimônio Material, Acervos Museais e Arqueológicos e Arquivos no Rio Grande do Sul. Mais de 80 representações, entre poder executivo federal, estadual e municipal, além das universidades, conselhos profissionais e organismos internacionais já se reuniram. O trabalho dos envolvidos, por ora, é voluntário.

As etapas e o cronograma dos trabalhos ainda não foram estipulados em razão do estado de calamidade de muitos municípios, já que o nível da água precisou baixar. Somente com a situação estabilizada foi possível ingressar nos imóveis e identificar os danos. É o que explica o secretário-executivo do MinC, Márcio Tavares. Ele acrescenta que o mapeamento está em curso, e será indispensável para entender o tamanho do dano e dos esforços necessários para a recuperação.

A rede, que está em fase de formalização, é coordenada por um comitê de governança, composto pelo MinC, Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Instituto do Patrimônio Histó-

co e Artístico Nacional (Iphan), Arquivo Nacional, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Os grupos de trabalho são quatro: Patrimônio Histórico, Arqueologia, Acervos e Arquivo.

A intenção é de que a rede se estenda para ser um grupo permanente de apoio e prevenção, com expertise para que possa também ter alcance nacional. Assim, conforme Tavares, o grupo teria condições de “auxiliar em outras demandas de emergências e desastres que afetem os trabalhadores da cultura e os nossos patrimônios culturais e históricos”.

Ainda não se tem uma ideia do valor necessário para a etapa de reconstrução dos equipamentos culturais. Antes, explica Tavares, é preciso concluir o mapeamento dos danos. “As ações de restauração são complexas e minuciosas e certamente demandarão atuação conjunta dos órgãos públicos, financiamentos, patrocínios e cooperação internacional. Mas, como já reiterado pelo presidente Lula e a ministra Margareth Menezes, não faltarão recursos para o Rio Grande do Sul”, assegura.



Estudantes voluntários da UfPel atuam para recuperar acervo do Margs



Priscila Ferraz Pasko é escritora, jornalista freelancer na área cultural e graduanda no Bacharelado em História da Arte (Ufrgs). É autora do livro de contos *Como se mata uma ilha* (Zouk, 2019) – Prêmio Açorianos 2020 na categoria conto.